

ESTADO DO PARANÁ
SECRETARIA DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL

TOMATE

Elaboração: Economista Marcelo Garrido Moreira
Data: 10 de junho de 2009

A colheita da primeira safra de tomate, ou “tomate safrão”, como é conhecida, está praticamente encerrada nas lavouras paranaenses, segundo o último levantamento deste DERAL. A quantidade de frutos produzidos nesta temporada foi de cerca de 198.000 toneladas, 3% a mais do que na safra passada, enquanto a área teve uma redução de 2,2% no mesmo período, ficando com 3.130 hectares.

O plantio da segunda safra, chamada “de risco”, chegou a 97%, enquanto a colheita chegou a 54% do total. A área total cultivada nesta segunda safra é de cerca de 1.600 hectares, 3% maior que na safra do ano passado, enquanto que a produção deve chegar a 102.400 toneladas, com o mesmo crescimento de 3%.

Segundo agentes de mercado, durante o mês de maio houve excesso de oferta do fruto no mercado nacional. Como ocorreu concentração de plantio em janeiro, uma maior quantidade do fruto foi colhida durante maio, ocasionando uma maior oferta do produto com cotação dos frutos em um patamar baixo.

Está em andamento a discussão, entre a CEASA e os atacadistas, quanto à padronização do volume em peso por caixa. No mercado atacadista paranaense, o preço da caixa de tomate de 21 kg variou de R\$ 20,00 a R\$35,00, ficando na média mensal em R\$ 27,30. Durante maio, o preço médio nominal recebido pelo produtor foi de R\$ 21,29/cx de 23 kg, valor 8% inferior ao de abril. O preço médio semanal recebido pelo produtor na última semana foi de R\$ 17,22 a caixa.

Em comparação com o preço de maio do ano passado, o valor é 24% inferior, pois o preço era de R\$ 28,16/cx de 23 kg. Na época, esse valor era reflexo da redução de área, que ocasionou uma diminuição na oferta e conseqüentemente um aumento nos preços.

Para as próximas semanas é esperada a manutenção e até uma elevação nas cotações, pois, historicamente, os meses de junho e julho são de preços mais altos, porque a safra “de risco” é menor e aumenta a dependência de produtos vindos de outros estados, com destaque para Minas Gerais, Rio de Janeiro e São

Paulo, fazendo com que os gastos com frete rodoviário e intermediação aumentem os custos e pressionem os preços.